



KnoWhy #26

Fevereiro 1, 2017



## Leí citou a Shakespeare?

*“ [...] da qual nenhum viajante pode retornar.”*

2 Néfi 1:14

### O conhecimento

Pouco antes de sua morte, o profeta Leí advertiu seus filhos: “Despertai! e levantai-vos do pó e ouvi as palavras de um pai trêmulo, cujos membros logo poreis na fria e silenciosa sepultura da qual nenhum viajante pode retornar; uns dias mais e irei pelo caminho de toda a Terra”. (2 Néfi 1:14, ênfase adicionado). Essa linha atraiu críticas de vários escritores que afirmam que uma das frases em inglês (“whence no traveler can return”) foi plagiada da peça de Shakespeare, a saber, Hamlet: “The undiscover’d country, from whose bourn / No traveller returns” (Hamlet 3.1, ênfase adicionada). Um dos primeiros críticos de Joseph Smith, Alexander Campbell, refletiu sarcasticamente que “Shakespeare foi lido por Néfi 2.200 anos antes de nascer”.



Estudiosos santos dos últimos dias responderam a essa crítica apontando que o simbolismo e a linguagem em 2 Néfi 1 aparecem, por exemplo, na

Bíblia: “Porventura não são poucos os meus dias? Cessa, pois, e deixa-me, para que por um pouco eu tome alento, [a]ntes que vá para o lugar de onde nunca retornarei, à terra da escuridão e da sombra da morte” (Jó 10:20–21). Jó 7:9–10; 16:22, ênfase adicionada). Consequentemente, B. H. Roberts e Hugh Nibley argumentam que a linguagem não é, portanto, original de Shakespeare, mas tem antecedentes na antiguidade.

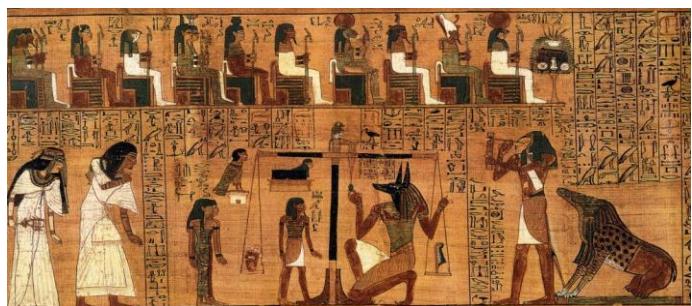
Em relação aos ensinamentos de Leí sobre a morte e o mundo espiritual em 2 Néfi 1, o estudioso dos santos dos últimos dias Robert F. Smith observou que “a constelação de ideias e expressões encontradas lá (e em textos paralelos) estavam disponíveis em todo o antigo Oriente Próximo, na época de Leí”.



Smith chama a atenção especificamente para as crenças babilônicas, egípcias e israelitas/canaanitas sobre a morte e o submundo intimamente paralelas aos próprios ensinamentos de Leí. Por exemplo, encontramos linguagem semelhante à de Leí em lugares como os Textos das Pirâmides do Egito (“Que não possas ir pelas estradas como os ocidentais [os mortos]; aqueles que vão neles [viajantes] não retornam”) e a Jornada de Inanna aos Infernos da Suméria (“Por que orar, você chegou à terra sem retorno, / na estrada cujo viajante nunca retorna, /como seu coração o guiou?”).

Os ensinamentos e a linguagem de Leí sobre a morte encontram um paralelo claro no Antigo Oriente Próximo. Mesmo que a linguagem possa ser vagamente paralela à de Shakespeare, por fim, tanto Leí quanto Shakespeare derivam suas imagens sobre esse ponto de percepções antigas da vida após a morte.

## O porquê



Como explica Smith, a relevância dessa informação vai além de meramente refutar uma explicação alternativa: “Isso deve dar uma dica do que está reservado para aqueles que sistematicamente aplicam o conhecimento da língua, religião e cultura egípcia para uma compreensão do Livro de Mórmon — um livro feito em escrita egípcia, se não nessa mesma linguagem”.

Smith continua: “Isso também demonstra que a suposta citação shakespeariana seria dificilmente acreditada como proveniente de um período posterior”. Assim, o uso que Leí faz dessas representações se encaixa em uma “imagem mais completa da morte e do submundo no antigo Oriente Próximo”, e não é um plágio malfeito de Shakespeare.

Smith, portanto, conclui corretamente: “Os paralelos com a KJV e com outros livros que Joseph tinha à disposição não podem ser considerados nada mais do que um esforço para fazer uma tradução boa e moderna, simplesmente porque os antigos paralelos do Oriente Próximo estão muito mais próximos e melhor integrados no Livro de Mórmon do que os exemplos mais contemporâneos de Joseph. Portanto, o que antes era uma crítica à debilidade do Livro de Mórmon agora é, na verdade, uma evidência de sua autenticidade. Como Nibley brincou: “E assim, a acusação de fraude mais popular e típica contra o Livro de Mórmon, saiu pela culatra.”

## Leitura complementar

Robert F. Smith, “Evaluating the Sources of 2 Nephi 1:13–15: Shakespeare and the Book of Mormon”, *Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture* 22, no. 2 (2013): pp. 98–103.

Hugh Nibley, An Approach to the Book of Mormon (Provo: FARMS, 1988), pp. 275–77.

Robert F. Smith, “Shakespeare and the Book of Mormon“, FARMS Preliminary Report (1980).



© Central do Livro de Mórmon, 2017

## Notas de rodapé

1. Alexander Campbell, “Delusions”, Millennial Harbinger 2, no. 2 (7 February 1831): p. 92; reimpresso em Delusions. An Analysis of the Book of Mormon; With an Examination of its Internal and External Evidences, and a Refutation of its Pretenses to Divine Authority (Boston: Benjamin H. Greene, 1832), p. 13. A propósito, nem todos os críticos do Livro de Mórmon do século XIX concordaram que seria um plágio de Shakespeare. “Toda criança em idade escolar sabe que [2 Néfi 1:14] é uma imitação miserável de uma frase dos Pensamentos Noturnos de Young, e ainda assim o autor do Livro de Mórmon quer que acreditemos que ele existia algumas centenas de anos antes de Cristo!” (Roy Sunderland, “Mormonism”, Zion’s Watchman 3, no. 7 [17 February 1838]).
2. B. H. Roberts, “A Brief Debate on the Book of Mormon”, em Defense of the Faith and the Saints, 2 v. (Salt Lake City: Deseret News, 1907), 1: pp. 332–333; Hugh Nibley, An Approach to the Book of Mormon (Provo: FARMS, 1988), pp. 275–77.
3. Robert F. Smith, “Evaluating the Sources of 2 Nephi 1: pp. 13–15: Shakespeare and the Book of Mormon“, Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture 22, no. 2 (2013): pp. 101–102.
4. Smith, “Evaluating the Sources of 2 Nephi 1:13–15“, pp. 100–101. Ver também E. A. Speiser, “Descent of Ishtar to the Netherworld”, in The Ancient Near East: An Anthology of Texts and Pictures, ed. James B. Pritchard, 3<sup>a</sup> ed. (Princeton: Princeton University Press, 2011), p. 77.
5. Smith, “Evaluating the Sources of 2 Nephi 1:13–15“, p. 102.
6. Smith, “Evaluating the Sources of 2 Nephi 1:13–15“, p. 102.
7. Nibley, An Approach to the Book of Mormon, The Collected Words of Hugh Nibley: Volume 6 (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS 1988), p. 277.